

JOHN UPDIKE

As viúvas de Eastwick

Tradução

Fernanda Abreu

Copyright © 2008 by John Updike

Publicado mediante acordo com Alfred A. Knopf, uma divisão da Random House, Inc.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The widows of Eastwick

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Preparação

Fabiola Cristófoli

Revisão

Pedro Borges Júnior

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Updike, John, 1932-2009

As viúvas de Eastwick / John Updike ; tradução Fernanda Abreu — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: The widows of Eastwick
ISBN 978-85-359-1687-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

10-04937

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana

813.5

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

1. Reconstituição do sabá, 9
2. Revisitação da *malefícia*, 120
3. Alívio da culpa, 241

1. Reconstituição do sabá

Aqueles dentre nós que conhecem a história sórdida e escandalosa delas não ficaram surpresos ao saber, graças a boatos vindos das diversas localidades onde as bruxas haviam se instalado após fugir de nossa aprazível cidade de Eastwick, Rhode Island, que os maridos que as três mulheres Perdidas haviam por meio de sua arte obscura materializado para si não se mostraram muito duráveis. Métodos maus geram maus produtos. Satã simula a Criação, sim, mas com mercadorias de qualidade inferior.

Alexandra, a mais velha das três, mais graúda de corpo e cujo temperamento mais se aproximava do normal e de uma humanidade generosa, foi a primeira a enviuvar. Seu instinto, como o de tantas esposas subitamente libertas na solidão, foi viajar — como se o mundo em geral, representado por frágeis cartões de embarque, atrasos maçantes em aeroportos e o tênue mas inegável risco de voar de avião em uma época de aumento do custo do combustível, falência de companhias aéreas, terroristas suicidas e desgaste metálico, pudesse ser forçado a revelar a mesma produtiva irritação da vida a dois. Assim como seu casamento, acomodado e

inflexível, Jim Farlander, o marido que ela havia conjurado para si usando uma abóbora oca, um chapéu de caubói e um punhado de terra do Oeste dos Estados Unidos raspada da parte de dentro do para-choque traseiro de uma caminhonete com placa do Colorado que ela vira estacionada, estranhamente fora do lugar, na Oak Street no início dos anos 70, havia se mostrado difícil de remover de seu ateliê e de sua pouco frequentada loja de objetos de cerâmica em uma ruazinha de Taos, Novo México.

Para Jim, viajar significava pegar o carro e dirigir durante uma hora para o sul até Santa Fé; para ele, tirar férias era passar o dia em uma das reservas indígenas — Navajo, Zuni, Apache, Acoma, Isleta Pueblo — para espionar o que os ceramistas índios estavam oferecendo nas lojas de suvenires das reservas, e torcer para encontrar a preço de banana, em algum escritório empoeirado da Agência Indígena, um autêntico e antigo vaso *pueblo* preto e branco com desenhos geométricos, ou então um pote de mantimentos *hohokam* amarelo com suas espirais e labirintos em vermelho, que poderia então revender por uma pequena fortuna a algum museu recém-construído em uma das prósperas cidades de veraneio do Sudoeste. Jim gostava da vida que levava, e Alexandra gostava disso nele, já que ela, como sua mulher, fazia parte dessa vida. Ela gostava de seu corpo esbelto (ele nunca teve barriga até o dia em que morreu, e isso sem nunca ter feito um abdominal sequer na vida) e do cheiro de sela de seu suor, e do aroma de argila que se desprendia, como uma aura sépia, de suas mãos fortes e capazes. No plano natural, os dois haviam se conhecido quando ela, divorciada já havia algum tempo, tinha ido fazer um curso na Escola de Design de Rhode Island, onde ele lecionava como instrutor substituto. Os quatro enteados que ela lhe pôs nas costas — Marcy, Ben, Linda e Eric — não poderiam ter desejado um pai substituto mais calmo, mais tranquilizadamente taciturno. Os filhos de Alexandra — todos já fora de casa

de qualquer modo, Marcy já com dezoito anos — achavam mais fácil se relacionar com ele do que com o próprio pai, Oswald Spofford, pequeno fabricante de móveis de cozinha de Norwich, Connecticut. O entusiasmo do pobre Ozzie por beisebol de segunda divisão e campeonatos de boliche da empresa era tamanho que ninguém, nem mesmo os filhos, podia levá-lo a sério.

As pessoas levavam Jim Farlander a sério, especialmente mulheres e crianças, tratando-o com o mesmo silêncio sereno que lhe era peculiar. Seus olhos cinzentos e diretos tinham o brilho de uma arma sob a sombra do chapéu de aba larga, com a copa escurecida no ponto onde ele costumava beliscá-la entre o polegar e o indicador. Quando estava fabricando suas cerâmicas, ele amarrava um lenço azul desbotado em volta da cabeça para evitar que os cabelos compridos — grisalhos, mas entremeados de fios no tom ruivo original clareado pelo sol, e presos em um rabo de cavalo de vinte centímetros — se sujassem na argila úmida que girava no torno movido a pedal. Uma queda de cavalo na adolescência o havia deixado manco, e o torno, que ele se recusava a equipar com um motor elétrico, mancava junto com ele enquanto suas mãos másculas iam esticando pedaços de argila para cima, giro após giro, até transformá-los em graciosos recipientes de gargalo fino e fundo arredondado.

A primeira vez que ela sentiu que a morte dele estava chegando foi na cama. Suas ereções começaram a enfraquecer justamente quando ela poderia ter gozado caso ele tivesse prosseguido; em vez disso, com o corpo em cima do seu, houvera um afrouxamento palpável do nó de seus tendões. Anteriormente, havia algo de agradável e desafiador na forma como Jim se vestia, sempre com roupas justas — botas de bico fino amarelo-claras, jeans bem apertados com os bolsos rodeados de tachinhas, e camisas xadrezes bem engomadas com punhos de abotoamento duplo. Outrora um dândi no seu estilo, ele começou a usar a mesma

camisa dois ou até três dias seguidos. Seu maxilar exibia sombras de costeletas brancas na parte inferior, resquícios de um barbear descuidado ou de problemas de vista. Quando os agourentos exames de sangue começaram a chegar do hospital e as sombras nos raios X se tornaram visíveis até mesmo para os olhos inexperientes de Alexandra, ele recebeu a notícia com um cansaço estoico; Alexandra precisava brigar para fazer com que ele tirasse as roupas de trabalho sujas de argila e vestisse algo decente. Eles haviam se juntado à legião de casais mais velhos que lotam as salas de espera dos hospitais, tão calados de nervosismo quanto pais e filhos antes de um espetáculo de fim de ano. Ela sentia os outros casais a examiná-los preguiçosamente com os olhos, tentando adivinhar qual dos dois estava doente, qual dos dois estava condenado; ela não queria que isso ficasse evidente. Queria apresentar Jim como a mãe apresenta um filho que vai ao colégio pela primeira vez: como algo que a valorizasse. Durante aqueles mais de trinta anos desde que ela havia se mudado de Eastwick, os dois tinham vivido segundo as próprias regras em Taos; ali, o espírito livre dos Lawrence e de Mabel Dodge ainda lançava uma sombra protetora sobre a tribo remanescente de candidatos a artista, um grupo de pessoas que bebia bastante, cultivava superstições da Nova Era e cultuava o estilo Arts and Crafts, cujos artefatos, na vitrine de suas lojas, estavam fadados, de uma forma que os fazia se lamentar cada vez mais, a ir parar nas mãos de turistas avaros e medíocres, em vez de nas dos abastados colecionadores de arte do Sudoeste. Durante algum tempo, Alexandra havia ressuscitado sua manufatura de pequenas “vovós” de cerâmica — pequeninas bonecas sem rosto nem pés, agradáveis de segurar e pintadas de forma tosca com roupas coladas ao corpo feito tatuagens —, mas Jim, enciumado e ditatorial em sua arte como todos os verdadeiros artistas, não havia se mostrado muito generoso na hora de dividir o forno. Em todo caso, essas mulheres em

miniatura, com a fenda da vulva firmemente gravada na argila com o auxílio de um palito ou da lateral de uma lixa de unhas, pertenciam a um desconfortável período anterior de sua vida, quando ela, na companhia de duas outras divorciadas de Rhode Island, havia praticado uma versão suburbana improvisada de bruxaria.

A doença de Jim arrancou-a junto com o marido da segura e artística Taos para atirá-los na sociedade, nos vales dos enfermos onde um vasto rebanho se movia qual bisões desgovernados rumo à colina do sacrifício. Essa socialização forçada — consultas com médicos, a maioria perturbadoramente jovem; encontros com enfermeiras para solicitar cuidados piedosos que o paciente internado, demasiado másculo e deprimido, era incapaz de pedir sozinho; a dor dividida com outras pessoas na mesma situação, futuras viúvas e viúvos que ela teria evitado na rua, mas que agora, naqueles corredores antissépticos, abraçava com lágrimas compartilhadas — a preparou para viajar na companhia de desconhecidos.

Ela não podia acreditar naquilo — em como Jim havia desaparecido por completo, como sua ausência matinal era tão nítida quanto o primeiro canto de um galo, e sua não aparição à noite uma recusa fadada a ser desmentida a qualquer instante, sentia ela, pelo arrastar manco de suas botas no hall de entrada ou pelos rangidos, a dois cômodos de distância, de seu torno de cerâmica. Três meses depois da morte do marido, ela se inscreveu em uma excursão de dez dias pelas Montanhas Rochosas canadenses. Seu antigo eu, casado e protegido, uma boêmia esnobe orgulhosa das roupas descuidadas e masculinas que vestia e da privacidade de quem vivia no meio do deserto, teria desdenhado a camaradagem fingida de uma excursão turística. Ela já previa o fardo diário de levantar da cama e se empanturrar de cafés da manhã típicos de hotel antes de sair para visitar a maravilha programada para o dia, e os incômodos mas irresistíveis cochilos no

ônibus balouçante encostada à pele suada de um corpo desconhecido, em geral o de outra corajosa viúva, obesa e descaradamente tagarela. Depois haveria as horas insones, povoadas por barulhinhos incômodos e misteriosas luzinhas vermelhas, em uma cama *king size* feita para um casal. Os travesseiros dos hotéis eram sempre excessivamente recheados, estufados demais, e erguiam sua cabeça mais alto do que o necessário, de modo que ela acordava tomada por uma surpresa trôpega de ter conseguido pregar o olho, e com torcicolo. O travesseiro ao seu lado não exibía marca nenhuma. Ela então se dava conta de que nunca mais faria parte de um casal.

No entanto, como uma filha do Colorado, Alexandra achou divertida a ideia de seguir as Rochosas rumo ao norte até outro país, onde uma paisagem de tirar o fôlego não alimentava a vaidade predatória dos Estados Unidos. E descobriu que o Canadá tinha suas vantagens: aeroportos que não haviam sido subornados para instalar televisores que cuspiam incessantemente as mesmas bobagens, vozes cujo conhecido sotaque norte-americano era entremeado por umas poucas vogais escocesas remanescentes, e uma sisudez cinzenta e imperial da arquitetura pública. Essa identidade nacional havia sido criada graças ao sensato espírito do empreendedorismo profissional, que vinculara as províncias umas às outras como grandes contas em uma linha ferroviária, no lugar da pregação evangelizadora de um Destino Manifesto — manifesto apenas para seus perpetradores anglo-saxões — que havia arremessado o aglutinado Estados Unidos para o Oeste e em seguida para o exterior, atravessando todos os mares, até onde seus meninos soldados iam perder pernas e braços e depois morrer. Valia a pena fugir da cota diária de mortos no Iraque.

Por outro lado, os restaurantes dos hotéis canadenses pareciam pensar que Frank Sinatra e Nat “King” Cole eram o último grito em matéria de música ambiente, e gigantescos navios de

cruzeiro atracados em Vancouver partiam para o gélido e desolador Alasca. O Canadá, com sua tundra, seus bancos de gelo e seus quilômetros de florestas que pressionavam a população para o sul, contra o quadragésimo nono paralelo, havia por autodefesa abraçado a natureza, tentando fazer dela um animal de estimação, usando a nostalgia, o valor inerente à sua causa, para obter dólares dos turistas. Tragam de Volta a Natureza — quem ousaria se opor a isso? Para Alexandra, porém, totens e alces continham um tédio inerente. Lá em cima, ela se sentia presa em um sótão cheio de animais empalhados. A natureza tinha sido sua aliada na bruxaria, mas mesmo assim lhe causava desconfiança, assassina sem consciência, esbanjadora e cega que era.

Depois de um dia em Vancouver, e de outro na sem dúvida esquisita Victoria, o grupo — quarenta turistas, nenhum deles jovem e oito deles australianos — embarcou em um trem noturno e foi arrastado para o norte em meio à escuridão. Acordaram entre montanhas onde reluzia o amarelo dos álamos cujas folhas mudavam de cor. A excursão havia reservado um vagão panorâmico para o grupo, e Alexandra, que entrou nele depois de um café da manhã pesado servido por garçons que se equilibravam no vagão-restaurante, foi recebida com sorrisos hesitantes pelos casais já sentados. Ocupou uma das poucas poltronas ainda vagas e teve consciência do vazio ao seu lado, qual um monstruoso quisto sebáceo a estragar a simetria de seu rosto.

Mas a verdade era que ela nunca teria conseguido convencer Jim a partir em uma aventura daquelas. Ele detestava países estrangeiros, incluindo as ilhas Virgens aonde, algumas vezes no início do casamento, ela o havia convencido a levá-la para descansar um pouco do longo inverno de Taos e dos engarrafamentos na estrada 522 causados pela temporada de esqui. Chegando a Saint Thomas, em um fim de tarde, ficaram presos dentro de seu Fusca alugado, no rush do final do dia, com Jim tentando

pela primeira vez na vida dirigir do lado oposto da rua. Mais desafortunadamente ainda, foram cercados por motoristas negros que obtinham um prazer racista do fato de fechá-los e reagir a qualquer sinal de hesitação automotiva com buzinas persistentes e indignadas. Embora tenham encontrado o resort, no final de uma rua mal indicada, Jim pegou sol demais logo no primeiro dia, depois de recusar repetidas vezes a sua sugestão de passar filtro solar, e em seguida passou muito mal depois de comer uma salada de mariscos. Depois disso, sempre que ele sentia que estava levando a pior em alguma troca de acusações, lembrava à mulher, com detalhes, aquela semana que quase o havia matado, vinte e cinco anos antes de ele morrer de fato.

Agora, ali no Canadá, não havia uma só estrada ou carro à vista, apenas os trilhos e túneis à frente conforme o trem subia por montanhas coalhadas de trêmulas folhas douradas.

— Olhe ali o monte Robson — disse uma mulher atrás de Alexandra ao marido, animada.

Um australiano atravessou o corredor do vagão e, tentando ser simpático, disse para Alexandra:

— Monte Robson à frente —, como se, além de estar sozinha, ela também fosse surda.

De trás desse homem, outra voz — não australiana, menos enérgica, com um leve sotaque do Sul dos Estados Unidos — explicou, todos à sua volta subitamente prestativos, como se estivessem cuidando de algum deficiente que fazia parte do grupo:

— O pico mais alto das Rochosas canadenses.

— É mesmo? Já? — perguntou Alexandra, sabendo que era um comentário idiota, e prosseguindo para tentar se proteger. — Quero dizer, eles não deveriam ter guardado isso para mais tarde na excursão?

Ninguém riu, talvez por não terem escutado, ou por não terem entendido a sua piadinha. O trem fazia uma longa curva, e o

pico reluzente da montanha sumiu de vista entre os álamos; era um pico estranhamente simétrico, parecendo uma pirâmide de blocos de Lego infantis, só que branco.

— Qual a altura desse pico? — perguntou ela em voz alta, determinada a lutar contra a sensação de não existir.

Novamente foi recebida por um silêncio.

— Quase quatrocentos metros — respondeu uma voz australiana.

Ela achava difícil fazer a conversão para o sistema métrico e, tomando emprestado um pouco da xenofobia do marido, recusou-se a tentar. A voz levemente sulista entendeu e explicou:

— Quase mil e trezentos pés, senhora.

— Meu Deus! — exclamou Alexandra, começando a gostar da própria idiotice. Virou a cabeça para fitar seu informante. Ele era magro e alto, como Jim, e tinha o rosto magro, com vincos fundos e um bigode comprido o suficiente para se curvar para baixo. Sua roupa — um jeans desbotado e justo e uma camisa xadrez vermelha de manga comprida — também a fez pensar em Jim.

— Obrigada — agradeceu ela, em um tom mais caloroso do que pretendia. Talvez aquele homem com uma expressão de dignificada tristeza fosse viúvo. Ou talvez estivesse esperando alguma esposa vagarosa ir se juntar a ele no vagão panorâmico.

— O monte Robson não faz parte da excursão — dizia a esposa atrás de Alexandra em seu ouvido, com uma voz penetrante levemente exasperada. — Fica em um parque nacional separado de Jasper.

— Eu não fiz mesmo o meu dever de casa — desculpou-se Alexandra falando para trás, sentindo uma pontada de ódio: o antigo ódio impaciente, um ódio de bruxa capaz de fulminar insetos e que ela pensava já ter deixado para trás havia muito tempo. Por que aquela mulher, sem graça e rabugenta pelo som de sua voz, tinha um marido vivo, enquanto ela, Alexandra, não tinha, e

estava ali sentada exposta por todos os lados àquelas bem-intencionadas intervenções de pessoas desconhecidas?

— O meu estilo é esse também — disse um australiano, reconfortando-a. — Eu aprendo conforme avanço. Quem lê os livros com antecedência é minha mulher.

— E também sou eu quem cuido das passagens e dos passaportes, seu preguiçoso de meia-tigela — disse a mulher com o tom bem-humorado de uma reclamação recorrente.

O trem, que não balançava tanto quanto os trens americanos e corria sobre trilhos da Ferrovia Nacional Canadense fabricados e mantidos pelo governo, continuava a subir em direção ao céu. O monte Robson tornou a aparecer acima das árvores, com a brancura agora marcada por listras pretas — por um padrão estriado de trechos pretos e brancos de neve, talhado como se o pico houvesse sido afiado em um formato pontudo como o de um sílex. O azul-cobalto opressivo de um céu de cartão-postal forçou esses contornos côncavos até o pico tornar a desaparecer atrás das ondas de folhas amarelas.

— Está escrito aqui — anunciou bem alto a esposa australiana, segurando um guia — que esse pico foi escalado pela primeira vez em 1913 por um austríaco chamado Kain. K-a-i-n. Está escrito que os montanhistas canadenses não gostavam muito quando estrangeiros eram os primeiros a escalar suas montanhas até o topo. Eles torciam o nariz vermelho.

Alexandra suspirou e fechou os olhos, dispensando a si mesma de continuar escutando. Queria desobrigar todos eles de ter de prestar mais qualquer atenção a ela. O fato de ser uma mulher grande, alta e algo corpulenta, com uma vasta cabeleira de fios castanhos, grisalha apenas pela metade, havia lhe dado certa presença quando era mais nova, mas, agora que estava velha e sem marido, isso chamava a atenção dos outros, transformando-a em um constrangimento para si mesma. *Kain, Caim*, pensou ela.